EBD DOM PEDRO II
Homens — Sucesso em Crise

Roteiro do Professor

Aula 7 · Círculo das Perguntas · 20 de setembro

Tese do dia (só revelar no encerramento):

"O mundo pede que você prove seu valor ocupando um papel; Cristo já decidiu seu valor antes de qualquer papel existir."

Antes da aula

- Pote (ou saco) com os 12 papéis de pergunta, bem misturados.
- O papel 13 (Encerramento) separado, com você — não vai para o pote.
- Bíblia ou celular à mão, na NAA, para conferir Salmo 51.10-12 e 1 Samuel 15.30.
- Papel e caneta para a aplicação escrita de cada aluno.
- Tempo: ~50 min (3 de abertura, 30 de perguntas, 12 de encerramento, 5 de aplicação escrita).

1. Abertura

Fala sugerida — adapte com suas palavras, mas mantenha a ideia:

> *"Hoje não é aula de conteúdo novo. É dia de Círculo. E o Círculo tem uma regra que eu quero deixar clara antes de começarmos: quem está sendo avaliado hoje é o ensino, não vocês. Se uma pergunta travar, o problema pode ser meu, não seu — e é isso que eu preciso descobrir."*

Mecânica: cada um tira um papel do pote, lê em voz alta e responde com as próprias palavras. Não existe resposta decorada certa — o que interessa é se a ideia grudou. A turma pode ajudar quem travar.

Aquecimento opcional (30s): cite rapidamente os seis títulos já dados — O Coração Desordenado, Adorar É Humano, As Liturgias Seculares, O Espírito o Encontra Onde Você Estiver, Em Que História Você Está Inserido?, As Liturgias do Lar — só para reativar a memória antes do sorteio.

Comece o sorteio.

2. Rodada de perguntas (12)

AULA 1 · *O Coração Desordenado*

Tese: *O problema não é falta de informação nem fraqueza — é um coração que ama a coisa errada, ou ama a coisa certa fora de ordem.*

PAPEL 1/12

P: *"Cláudio tem 48 anos, não perde um culto e conhece a Bíblia, mas não abre mão de nenhuma hora extra. O problema dele é falta de conhecimento? Por quê?"*

Testa: se o aluno entende que o diagnóstico do semestre não é intelectual.

Resposta esperada: Não — Cláudio já sabe. O problema é o que ele ama mais: a segurança ou o reconhecimento que o trabalho dá, mais que a vocação plena diante de Deus e da família. Ele ama a coisa certa (o trabalho é bom) fora de ordem.

Se travar: pergunte "o que mudaria nele se ele estudasse mais a Bíblia?" — leve a perceber que mais informação, sozinha, não muda hábito.

Por que está aqui: fecha a Aula 1 — a raiz do semestre é amor desordenado, não ignorância. É o pilar de tudo o que vem depois.

PAPEL 2/12

P: *"Dê um exemplo de algo bom, que não é pecado, e que vira problema quando ocupa o lugar errado no coração."*

Testa: a distinção entre a coisa em si e o lugar que ela ocupa (o frui/uti de Agostinho, sem o jargão).

Resposta esperada: Qualquer exemplo válido — trabalho, família, lazer, ministério, até a própria igreja — desde que o aluno explique que o problema é a posição no coração, não a coisa.

Se travar: relembre a proteção teológica da aula: nunca é "abandone a coisa", é "reordene o amor". Pergunte: "o que aconteceria se isso ficasse em segundo lugar, não em primeiro?"

Por que está aqui: testa se o aluno absorveu a trava contra o moralismo — a aula nunca pede que abandonem o que é bom, pede que reordenem o amor.

AULA 2 · *Adorar É Humano*

Tese: *Você não é definido pelo que sabe ou crê, mas pelo que ama de fato.*

PAPEL 3/12

P: *"Para saber o que um homem ama de verdade, você olharia o que ele diz crer, o que sabe ou o que faz na semana? Por quê?"*

Testa: o núcleo da tese da Aula 2.

Resposta esperada: O que ele faz — porque a rotina revela o amor. A maior parte do que fazemos não vem de decisão consciente e ponderada; vem de hábito. Amor se prova em prática, não em discurso.

Se travar: pergunte "a agenda e o extrato bancário dele concordam com o que ele diz que ama?"

Por que está aqui: é a chave de leitura de todo o Módulo 1 — sem essa virada, as próximas cinco aulas não fazem sentido.

PAPEL 4/12

P: *"Pedro sabia muito bem quem Jesus era e mesmo assim o negou três vezes. O que isso mostra sobre saber e amar?"*

Testa: a mesma tese, mas a partir de um caso bíblico, não hipotético.

Resposta esperada: Conhecimento correto não impede a queda. O que faltou a Pedro não foi doutrina — ele tinha a doutrina certa —, foi um coração ainda não formado pelo hábito da coragem e da fidelidade naquele momento.

Se travar: pergunte "Pedro tinha uma prova de teologia para fazer ali no pátio, ou outra coisa?"

Por que está aqui: reforça, por um ângulo bíblico e não abstrato, o que a pergunta 3 já testou.

AULA 3 · *As Liturgias Seculares*

Tese: *Práticas culturais comuns discipulam o coração para amores sem escolha consciente.*

PAPEL 5/12

P: *"Pegue um hábito comum (o feed do celular, o jogo do time, o app do banco). Que "boa vida" ele ensina sem dizer uma palavra?"*

Testa: se o aluno consegue aplicar o conceito de liturgia secular fora dos exemplos do livro.

Resposta esperada: Qualquer leitura que identifique a promessa implícita do hábito — por exemplo, o feed ensina que você vale o quanto aparenta ou quanto engaja; o app do banco ensina que segurança financeira é o fim que tudo justifica.

Se travar: pergunte "o que esse hábito promete, mesmo sem anunciar nada em voz alta?"

Por que está aqui: obriga o aluno a fazer sozinho o exercício que o livro fez por ele — achar a liturgia escondida em algo comum da própria vida.

PAPEL 6/12

P: *"Um homem discorda do consumismo, mas passa todo sábado no shopping. Quem está vencendo: a opinião dele ou o hábito?"*

Testa: se o aluno entende que crença consciente, sozinha, não desarma um hábito repetido.

Resposta esperada: O hábito vence — porque a formação do desejo acontece abaixo da consciência. Discordar de algo com a mente não impede que a prática repetida continue formando o coração na direção contrária.

Se travar: pergunte "o que ele pensa importa mais, ou o que o corpo dele faz toda semana?"

Por que está aqui: prepara o terreno para as Aulas 4 e 6 — se hábito forma mais que opinião, a resposta também precisa ser um hábito, não só uma ideia melhor.

AULA 4 · *O Espírito o Encontra Onde Você Estiver*

Tese: *A adoração cristã histórica é contraformação — coloca sob a ação de Deus, não da própria performance.*

PAPEL 7/12

P: *"Um homem tenta largar um hábito só com força de vontade e mais estudo bíblico, e recai. O que está errado no método, e o que a adoração propõe no lugar?"*

Testa: se o aluno entende a diferença entre esforço próprio e contraformação.

Resposta esperada: O método tratou o problema como puramente intelectual e de vontade — os dois lugares onde, segundo as Aulas 2 e 3, o amor não é decidido. A adoração propõe um lugar onde é Deus quem age sobre o homem, não o homem se esforçando sozinho.

Se travar: pergunte "nesse método, quem estava fazendo o trabalho — ele ou Deus?"

Por que está aqui: é a virada do diagnóstico (Aulas 1-3) para a primeira resposta oferecida (Aulas 4-5): a adoração, não o esforço.

PAPEL 8/12

P: *"O que muda na forma de chegar ao culto para quem entende que ali é Deus que age sobre ele, e não ele que performa para Deus?"*

Testa: a aplicação pessoal e prática da mesma virada.

Resposta esperada: Ele chega para receber, não para produzir uma boa impressão ou cumprir uma obrigação. A postura muda de exibição para abertura.

Se travar: pergunte "ele chega pensando 'o que vou mostrar hoje' ou 'o que vou receber hoje'?"

Por que está aqui: torna concreto, na vida real de domingo, o que a pergunta 7 testou em teoria.

AULA 5 · *Em Que História Você Está Inserido?*

Tese: *O culto implanta o crente dentro da história bíblica, verso a verso.*

PAPEL 9/12

P: *"Poucos lembram o sermão de três domingos atrás. Isso significa que o culto não formou nada? O que esteve formando o homem nesse tempo?"*

Testa: se o aluno defende o valor formador do culto mesmo sem retenção consciente de conteúdo.

Resposta esperada: Não — a formação não depende de lembrar o conteúdo. O ritmo, a repetição, a liturgia inteira (cantar, orar, ouvir a Palavra, a mesa) vão formando por baixo da memória, inserindo o crente na história bíblica de novo a cada domingo, mesmo sem ele perceber.

Se travar: pergunte "você lembra frase por frase o que sua mãe te ensinou, ou só sabe que foi formado por ela?"

Por que está aqui: responde de frente ao ceticismo mais comum sobre o culto — "eu não lembro de nada do sermão" — sem deixar isso desvalorizar a liturgia.

PAPEL 10/12

P: *"Reunir, confessar, ouvir a Palavra, a mesa, ser enviado: qual dessas partes um homem tende a viver no automático, e o que deixa de ser formado nele?"*

Testa: a autopercepção do aluno sobre suas próprias práticas no culto.

Resposta esperada: Aberta — qualquer parte é aceitável, desde que o aluno explique a consequência de vivê-la no automático. Exemplo: confissão no automático não confronta pecado real; a mesa no automático perde a lembrança viva da graça.

Se travar: pergunte "em qual parte do culto sua cabeça já viajou pro almoço de domingo?"

Por que está aqui: torna pessoal e concreta a ideia de liturgia formadora, em vez de deixá-la como teoria sobre o culto em geral.

Tese: *A família tem suas próprias liturgias, intencionais ou não.*

PAPEL 11/12

P: *"O que os filhos de um pai que só provê e corrige aprendem sobre amor, sem que ele diga uma palavra?"*

Testa: se o aluno aplica "liturgia" ao espaço mais próximo dele — a própria casa.

Resposta esperada: Aprendem que amor é sinônimo de prover e corrigir, não de presença ou afeto. A liturgia do lar ensina mais do que qualquer discurso que o pai possa fazer sobre amor.

Se travar: pergunte "o que a rotina dessa casa ensina, mesmo sem ninguém dizer nada em voz alta?"

Por que está aqui: é a aplicação mais direta e mais desconfortável do módulo — tira a liturgia da cultura em geral e coloca dentro de casa.

PAPEL 12/12

P: *"Uma casa com versículos em todas as paredes e uma rotina de correria, telas e trabalho. Que liturgia ela ensina?"*

Testa: a mesma ideia, pelo ângulo da contradição entre declaração e prática.

Resposta esperada: A liturgia real é a da correria, das telas e do trabalho — não a dos versículos pendurados na parede. O ritmo vivido forma mais que a decoração ou o discurso.

Se travar: pergunte "o que essa casa faz todo dia, e o que ela só tem pendurado na parede?"

Por que está aqui: fecha o bloco de conteúdo com o mesmo alerta que atravessa o módulo inteiro — prática forma, declaração sozinha não forma.

3. Encerramento — Saul e Davi

3.1 Conceito e base teológica

A tese de hoje não é dita à turma até o fim — ela deve chegar como revelação progressiva, não como abertura.

Saul e Davi foram escolhidos porque os dois dizem exatamente a mesma palavra — "pequei" — diante do mesmo tipo de confronto profético. É o que cada um pede depois dessa palavra que os separa.

Em 1 Samuel 15, Samuel confronta Saul por poupar o que deveria ter sido destruído. Saul admite o erro, mas o justifica pelo medo do povo — o primeiro sinal de que o papel (rei, reconhecido, temido) já governa mais que a obediência. Quando Samuel se vira para ir embora, Saul agarra a barra do manto dele, que rasga — e Samuel usa o próprio rasgo como sinal: "o Senhor rasgou de ti o reino de Israel". Só depois disso Saul faz seu pedido real: não é perdão, é honra pública diante dos anciãos e do povo (1 Sm 15.30). Ele já perdeu o papel e ainda assim pede para continuar parecendo tê-lo. O valor dele estava inteiramente ali.

Em contraste, Davi é confrontado por Natã por um pecado mais grave — adultério e assassinato — com consequências reais e duras a caminho. E, mesmo com o trono em jogo, o pedido de Davi no Salmo 51 não é para manter o cargo. É: "não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo" (Sl 51.11). Ele teme perder a Deus, não o cargo.

Essa é a ilusão da independência nomeada por dentro: o homem que precisa do papel para ser alguém está, sem perceber, tão dependente quanto Saul estava — só que dependente da aprovação e do cargo, não de Deus. O homem cujo valor já foi decidido por Deus pode perder o papel e continuar de pé, como Davi.

Isso não se resolve na sala. O Módulo 1 é diagnóstico; a pergunta fica ecoando, sem um convite de "vamos resolver isso agora".

Corrimão pastoral. Se algum homem tocar em algo mais profundo que um exemplo teórico — um vício em consolidação, uma crise real, um casamento em ruína —, o papel do professor muda ali: acolher em poucas palavras e encaminhar ao pastor responsável, não aconselhar a fundo em público.

3.2 Como conduzir

1. Depois da última pergunta do sorteio, tire você mesmo o papel 13 — o único que você guardou. Leia a chamada dele em voz alta.

2. Narre Saul, sem ler (2 min): conte a cena de 1 Samuel 15 com suas palavras — Samuel confronta, Saul se justifica pelo medo do povo, Samuel se vira para sair, Saul agarra a barra do manto, o manto rasga. Pare bem aqui e pergunte à sala: "O que vocês acham que Saul vai pedir agora?" Deixe alguns chutarem — a maioria dirá "perdão".

3. Um voluntário lê 1 Samuel 15.30 em voz alta. Deixe o silêncio trabalhar por alguns segundos — não comente ainda.

4. Conte Davi em uma frase (o mesmo tipo de confronto, um pecado mais grave, consequências reais a caminho) e peça a um voluntário que leia Salmo 51.10-12.

5. Uma única pergunta para a sala: "Os dois disseram 'pequei'. O que cada um pediu em seguida, e o que cada um tinha mais medo de perder?" Não resolva — deixe as respostas ficarem no ar.

6. Diga a tese uma única vez, devagar: "O mundo pede que você prove seu valor ocupando um papel; Cristo já decidiu seu valor antes de qualquer papel existir."

4. Aplicação final e gancho

Escrita, privada — nunca compartilhada em voz alta. Distribua papel e caneta. Leia a pergunta uma vez, devagar, e dê cerca de 2 minutos de silêncio para escreverem:

> ***"Se me dissessem hoje que vou perder meu papel principal, qual seria o meu primeiro pedido?"***

Ninguém lê em voz alta. Cada um leva o próprio papel para casa.

Gancho para a Aula 8 (Aprendendo de Cor) — não responda, só plante:

> *"Na semana que vem vamos olhar pra uma coisa que a gente nem percebe que está ensinando — o que as pessoas mais perto de nós aprendem, só de nos ver, sobre o que a gente realmente valoriza."*